

## ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

### O carnaval de Rio Novo: entre classes e cores\*

Felipe Araújo Xavier  
Graduando em História – UFJF

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo estudar as relações sociais no carnaval de Rio Novo, tanto dentro das agremiações quanto nas manifestações culturais de rua. Procurando traçar uma análise da circularidade cultural entre os diversos segmentos da sociedade, usaremos a perspectiva do método indiciário da Micro-história, como trabalhada por Carlo Ginzburg.

**Palavras-chave:** Carnaval; Rivalidade; Circularidade

Durante muito tempo, a historiografia tratou com descrédito os temas vinculados à cultura festas populares, não considerando estes temas como instigadores de reflexões relevantes para a história das relações sociais. O estudo destas manifestações ficando a cargo dos estudiosos do Folclore.

Diversos autores relacionavam estas manifestações culturais a manobras de controle das elites dominantes sobre as massas. Afirmavam serem, as festas populares, válvulas de escape das tensões sociais vividas, sendo assim ferramenta para manipulação dos seguimentos populares na manutenção da ordem social vigente.

Segundo Rachel Soihet<sup>1</sup>, tais análises tinham uma posição simplista, pois não levavam em conta a complexidade de tais manifestações que expressariam atitudes, valores e comportamentos desses agentes sociais. A autora deixa claro que é dentro destas festas que podemos muitas vezes encontrar características essenciais de culturas diversas, onde valores culturais dominantes se entrelaçam com os dos populares influenciando-se reciprocamente.<sup>2</sup>

Desta forma levamos em consideração a posição da historiadora, pois tal pesquisa tem como pressuposto, uma análise que enxergue a festa como um momento de expressão

\* Este artigo é apresentação de parte da pesquisa realizada para a monografia de final de curso que venho desenvolvendo junto ao Departamento de História da UFJF sob orientação da professora Sonia Cristina Lino.

<sup>1</sup> SOIHET, Rachel. **A Subversão Pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Èpoque ao tempo de Vargas/** Rachel Soihet. Rio de Janeiro:

<sup>2</sup> SOIHET, Rachel. Idem

cultural que possibilita o vislumbre de mudanças na ordem social ou de resistência a estas. Seguindo também a visão de Emmanuel Lé Roy Ladurie, colocam-se várias possibilidades de transformação que as festas, e o carnaval, em particular, pode trazer para as camadas subalternas, não se limitando apenas à posição de manipulada pelas elites.<sup>3</sup>

O objetivo deste artigo é, analisar o carnaval de Rio Novo na aqui chamada, “Era dos Clubes”. Período este que vai da fundação de um clube seletivo, *Os Explosivos Carnavalescos* em 1907, à abertura do *Clube Carnavalesco O Nosso É Outro* em 1932, que promoverá o fim da segregação racial no carnaval de clubes em Rio Novo. Mas isto não quer dizer que todos os outros clubes se abriram para os diversos segmentos da sociedade, pois tais agremiações ainda seguiram suas restrições aos foliões de diferentes camadas sociais e de cor.

Com base no relato de experiências de pessoas que viveram e participaram dos “Carnavais de Baile” de Rio Novo, usa-se como sustentáculo documental relatos orais<sup>4</sup> --- recolhidos durante a pesquisa ---, associados a referências de jornais que circulavam e registravam acontecimentos carnavalescos nessas instituições. Desta forma, numa perspectiva da Micro-história, faremos a descrição das relações sociais durante o carnaval rionovense. Com um método indiciário<sup>5</sup> busca-se reconhecer não só as formas mais visíveis de organização do carnaval dos clubes, mas também as várias possibilidades de subversão da ordem pelos agentes sociais.

O cerne da pesquisa está direcionado para a organização social do decorrer do carnaval, onde uma das características mais visíveis é a seleção social dos clubes carnavalescos da cidade com relação aos seus freqüentadores e sócios e, as rivalidades entre estas instituições no decorrer dos quatro dias de carnaval. Não nos esquecendo da análise dos “blocos de sujos” e do Zé Pereira --- tradicional bloco de Rio Novo.

### **Os clubes carnavalescos de Rio Novo**

Os quesitos para a triagem dos sócios e freqüentadores destas instituições estavam não só ligados às condições sociais e financeiras, mas também à cor dos foliões.

---

<sup>3</sup> LADURIE, Emmanuel Lé Roy, *O Carnaval de Romans; da Candelária à quarta feira de cinzas, 1579-1580/* Emmanuel Lé Roy Ladurie; Janeiro: tradução Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2002Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>4</sup> Faremos nosso estudo embasado em quatro depoimentos recolhidos durante a pesquisa: com a Presidenta do Clube da Terceira Idade: Maria da Conceição Duarte Pinto; com a ex-Turmalina e ex-presidente dos Explosivos dona Carmelita; com o Ex-presidente do Bloco Zé Pereira Lauro Rooke; e com João Pinheiro folião por essência.

<sup>5</sup> GIZNBURG, Carlo, 1939. “Raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, emblemas, sinais: metodologia e história*. São Paulo. CIA das Letras. 1990 143-179.

Dentro desta pesquisa, daremos maior atenção a quatro clubes de Rio Novo: Os *Renitentes Carnavalescos*, onde se encontrava a “nata” da sociedade, sendo frequentado pelos “coronéis”<sup>6</sup>; Os *Explosivos Carnavalescos*, formado pela classe média de Rio Novo; O *Colar de Pérolas*, freqüentado restritamente pelos negros, que por sinal compunham também a camada desfavorecida financeiramente; e finalizando, O *Nosso É Outro*, que se estrutura numa forma de aceitação de todas as camadas sociais, não selecionando os foliões nem por cor nem por posses e tornando-se um ambiente favorável para vivências e circularidades culturais<sup>7</sup>.

O carnaval de Rio Novo por um longo tempo teve um arranjo ligado aos clubes devido à falta de um investimento de órgãos públicos. Assim, uma rede de sócios com objetivos comuns, no que se diz respeito à organização dos clubes e seus eventos, juntaram e coordenaram o surgimento destas agremiações. Mas uma das evidências é que objetivaram com isso, um distanciamento entre a elite e os populares, seja por terem costumes incompatíveis entre si ou simplesmente para não se misturarem com pessoas de prestígio e posição hierárquicas “diferentes”<sup>8</sup>.

Cada um dos clubes tinha sua sede conforme as condições dos seus freqüentadores e sócios. Os *Renitentes*, camada dominante, possuíam um prédio bem no Largo da Matriz<sup>9</sup> (local mais valorizado), com um salão de festas invejável aos outros clubes. Os *Explosivos Carnavalescos* desde sua fundação tinham uma sede própria de boas condições. Mas quando falamos do clube dos negros de Rio Novo --- O *Colar de Pérolas* --- torna-se difícil apontar sua localidade, pois passou por várias mudanças de endereço. Vemos referências de localidade como na Vila França, e em mais dois prédios na Rua Visconde do Rio Branco<sup>10</sup>. João Pinheiro<sup>11</sup> lembra bem que as condições não eram das melhores, “um clube muito pobre” dizia ele, “não cabia nem todos na sede direito”.<sup>12</sup> Essas mudanças de endereço também atingiram, mas com uma menor freqüência, O *Nosso É Outro*, que nas primeiras referências dos jornais, denominava-se como bloco<sup>13</sup>. Na realidade era um clube destituído de seleção e que tinha

<sup>6</sup> Como descrito por Maria da Conceição Pinto no depoimento dado no dia 21 de novembro de 2004

<sup>7</sup> Ver: Carlo Ginzburg: **O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro.**

<sup>8</sup> Uso a palavra diferente para demonstrar que tanto os negros quantos os brancos não desejavam a interação cultural em seus festejos carnavalescos.

<sup>9</sup> Hoje Praça Marechal Floriano Peixoto

<sup>10</sup> Depoimento de Dona Carmelita: janeiro de 2005

<sup>11</sup> Folião por essência. Desfilava com as lanternas do Zé Pereira quando garoto, ajudou muito Sr Juquita na organização do Zé Pereira. Sua família sempre ligada aos festejos carnavalescos.

<sup>12</sup> Depoimento de João Pinheiro : 5 de maio de 2005

<sup>13</sup> Gazeta Rionovense; 24 de janeiro de 1932

como freqüentadores mais assíduos os populares<sup>14</sup>; como diz Dona Carmelita<sup>15</sup> : “O Nosso É Outro pegou todo mundo: preto, branco, vermelho, cor de rosa”.

Desta forma, vemos nas posses das sedes, indícios da composição dos sócios de cada clube. Os “coronéis” com seus festejos no centro da cidade, a classe média com seus bailes em salão próprio e enquanto outros sem sede própria. Assim era inaceitável para um componente de um clube da elite que houvesse um folião de uma camada baixa em seu clube, pois não era de seu “jaez”.

Um negro nunca poderia freqüentar festejos carnavalescos, tanto dos Renitentes quanto dos Explosivos. Mas não eram apenas os brancos que restringiam a entrada dos negros, “O Colar era só preto mesmo, o porteiro não deixava entrar de jeito nenhum, mais não deixava mesmo não. Como os outros clubes não os aceitavam”.<sup>16</sup>

O Carnaval em si sempre teve uma característica popular. Desde de a era pagã, tal festa estava ligada à cultura popular. Vemos que assim também era na Idade Média, onde apesar das restrições e repressão ao cômico, o carnaval vinha para construir um segundo mundo que libertavam-nos dos laços rígidos da cultura oficial. Esses valores oficiais agiam de forma repressiva às manifestações populares, tentavam solidificar a estrutura vigente na sociedade. Mas o carnaval trazia consigo a libertação da hierarquia que vigorava, dando aos populares uma nova visão de mundo desligada da cultura oficial, fora dos laços religiosos que solidificavam a organização social. Mostrava uma verdade ligada ao riso, ao cômico, uma possibilidade nova de vida.<sup>17</sup>

No carnaval de Rio Novo, eram quatro dias de muita festa, uma segunda vida: libertação da hierarquia vigente, fuga dos populares em relação dos valores oficiais, onde uma batalha se travava no decorrer dos festejos do carnaval. Em relação a essas batalhas vemos uma ligação com as camadas da sociedade, mas de forma que os clubes às representavam. Como descrito acima, cada categoria tinha tendência para se associar ao respectivo clube que se identificasse na cor e posição social.

Mas logicamente tal fato não era regra, pessoas de posições desfavorecidas também tinham a possibilidade de integrar clubes da elite. Quando se referindo aos Explosivos, Dona Carmelita afirma que havia pessoas de diversos segmentos sociais, onde uma das virtudes

---

<sup>14</sup> Depoimento de Lauro Rook: janeiro de 2005.

<sup>15</sup> Dona Carmelita por um longo tempo participou do Bloco das Turmalinas, foi presidente do clube dos Explosivos e por muito tempo esteve ligada à agremiação, pois seu pai era o porteiro dos bailes carnavalesco.

<sup>16</sup> Depoimento de Dona Carmelita

<sup>17</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais.** São Paulo, Hucitec, UnB, 1987.

pessoais muito valorizada era a moral e o status da pessoa perante a sociedade.<sup>18</sup> “Agora elite mesmo era nos renitentes. Não misturava de jeito nenhum com a gente, não deixava. Agora nos Explosivos Com preto não, era só misturado com gente pobre, gente rica, gente média, meu pai era pobre, mas eu ia assim mesmo.”<sup>19</sup>

Quando nos referimos às lembranças de Dona Maria Pinto<sup>20</sup> deixa claro as composições dos Explosivos como um clube de “classe média”<sup>21</sup>, assim como dos outros clubes desta frase: “Era Explosivos e Renitentes, Nossa Senhora; os Renitentes era o grupo da nata, da elite de Rio Novo. Os Explosivos era a classe média, e tinha o Colar que era o clube dos pretos que era lá na Vila França.”

Durante os festejos, havia uma rivalidade surpreendente. Concursos de desfiles de blocos, fantasias mais luxuosas, guerras de confetes e até mesmo insultos e agressões, todos lutando para demonstrar a superioridade na folia do carnaval.

Com base nos depoimentos, a ordem era essencial, agressões diretas eram raríssimas. Dona Carmelita relata que nunca viu uma intervenção policial no carnaval, e explica:

“Tinha muita rivalidade entre os clubes. Por exemplo: você é do O Nossa é Outro, ele é Renitente e eu sou dos Explosivos, você queria ser melhor do que eu, eu queria ser melhor do que você. Agente encontrava na rua, uma jogava piada para outra, isso é coisa de moça né. Mas não brigava não. Não chegava a pega unha essas coisas. Só uma vez que uma moça do Renitente saiu fantasiada de dama antiga, botou uma cabeleira grande, do Renitente eu lembro direitinho, eu não sei o que foi lá, uma pessoa não sei se por maldade tacou fogo na cabeleira da mulher, quando viu, todo mundo correndo, e a moça gritando.”

Pois era uma característica do carnaval --- apesar de serem festejados nos bailes --- os clubes irem ao Largo da Matriz, com seus blocos mostrarem suas fantasias e seus préstimos, onde a essência de tal desfile era a disputa entre eles. Isto até à meia noite, quando todos voltavam para seus clubes. Nestas visitas à praça, intrigas das mais diferentes eram vistas.

Esses choques se manifestavam em diversas formas, mas um tornou-se tradicional e interessante. Antes do carnaval os clubes se espionavam para saber quais as fantasias os blocos femininos iriam usar, uma vez que, para cada dia de carnaval usava-se uma. Assim, em

<sup>18</sup> “Podia entrar qualquer um, mas se a pessoa fosse suspeita, pessoas de zona assim, aí não entrava não. Mas se falou dessa pessoa e não deu prova, brincava, honestamente.” Esta foi uma das frases que Dona Carmelita diz com relação à freqüentadores do clube do Explosivos

<sup>19</sup> Informação retirada do depoimento de Dona Carmelita

<sup>20</sup> Dona Maria Pinto é presidente do Clube da Terceira Idade, que em sua infância participava do bloco das Turmalinas e das diversas festas dos Explosivos.

uma descoberta, o outro clube antecipava o uso da mesma fantasia dias anteriores, tirando as virtudes da criatividade da fantasia do bloco que originalmente a iria fazer. Dona Maria Pinto relembra: "Mas no carnaval, as fantasias, a gente escondia para ninguém saber que fantasia agente ia sair, porque se não eles furavam. Se eles soubessem que agente ia sair de baiana, há eles saiam de baiana para furar o nosso bloco. Então era aquele segredo"<sup>22</sup>

Naquele tempo em Rio Novo, as fantasias de carnaval não eram tão luxuosas quanto, por exemplo, se via no carnaval carioca. Era raro o uso de plumas e outros enfeites mais trabalhados. O que contava na maioria das vezes era mesmo a criatividade. "Nas fantasias, teve um ano que nós estávamos meio bombardeado, teve uma fantasia que era de saco de Mauá, sabe o que é saco de mauá? Um saco preto. Pois é. Nós tingimos o saco todo de vermelho e furamos um buraco aqui, manguinha, botamos flores, fizemos uma fantasia: florista. Botamos o nome dela de florista, saiu na rua, e aquilo foi um sucesso." <sup>23</sup> Relembra Dona Carmelita nos seus dias de Turmalina.

Mas essas rixas algumas vezes fugiam do controle. Assim era quando, os desfiles dos blocos dos Explosivos se encontravam com o bloco do Colar de Pérolas, e cantavam o seguinte verso: "O Colar tem catinga de gambá."<sup>24</sup> Fato este que demonstra: o quanto do racismo estava empregado nos valores da cultura vigente e porque a divisão de raças no carnaval era uma característica por muitos, aceitável e até mesmo necessária.

Numa década como a de vinte ou a de trinta, não podemos esquecer a forte presença de uma mentalidade de supremacia racial, onde os negros se encontravam sempre em uma posição desfavorável. Além disto à falta de políticas de inclusão social destes --- mesmo após a abolição --- deixando-os em posição desconfortável para grandes conquistas sociais e financeiras. Por isto talvez, os negros tenham se organizado em torno do clube mais pobre se posicionando contra a entrada de brancos em seus festejos.

Mas um fato interessante, com relação ao distanciamento racial no carnaval, foi a fundação do *O Nosso É Outro* onde a interação racial foi mais presente. Depoimentos de pessoas brancas, que tinham uma idade menos avançada, demonstram que freqüentaram *O Colar de Pérolas* em décadas de 40 e 50. Lauro Rooke<sup>25</sup> afirma que: "participava os três: Os explosivos, O Colar de Pérolas e O Nosso É Outro. E freqüentava mais O Nosso É Outro do que os Explosivos. "O pessoal do Colar aceitava branco, às vezes era quase meio a meio. Isto

---

<sup>21</sup> Termo usado pela entrevistada Dona Maria Pinto.

<sup>22</sup> Informação do depoimento de Maria Pinto.

<sup>23</sup> Informação do depoimento de Dona Carmelita

<sup>24</sup> Idem(Id)

<sup>25</sup> Ex-presidente do Zé Pereira, artista hoje produz e renova os bonecos do Zé Pereira, sobrinho de Senhor Juquita.

acontecia também pelo fato de que o pagamento de quinhões ou outras taxas"<sup>26</sup>. Desta forma, para sobreviverem, a abertura e popularização dos festejos foi essencial. Mas João Pinheiro afirma: "Era quase uma relação de empregado, os negros aceitavam e respeitavam por estarem nesta condição de empregado".<sup>27</sup>

Voltando à questão dos embates, o depoimento de Dona Carmelita também mostra que: "nós queríamos sempre ser melhor do que *O nosso é outro, O nosso é outro* sempre queria ser melhor do que a gente. Aí a gente fazia. Mas sempre amiga, havia só naquela ocasião, acabou, acabou." Vemos que o carnaval demonstrava ser um momento aberto para conquistas e lutas por espaços antes não vistos por certas camadas. A elite também lutava para consolidar aquela organização social hierárquica de sempre, isto se refletia no que se diz respeito às posições racistas adotadas pelas elites da cidade.

Mas, apesar de toda rivalidade, em um momento os clubes se visitavam: "O Nossa é outro costumava sair com bloco, depois eles iam ao Explosivo visitar o Explosivo. Chegava lá dançava lá dentro, depois ia o bloco deles pra lá. No outro dia a gente ia pagar a visita."<sup>28</sup> Dona Maria Pinto lembra que

"era aquela rivalidade, mas os clubes se visitavam no carnaval, era tradicional. Num dia do carnaval a gente ia visitar o clube dos Renitentes, agente era recebido lá embaixo pelo presidente que pegava a bandeira do clube, era aquela festa, muito confete, muito lança-perfumes. Depois, outro dia os Renitentes vinham pagar a visita."

Dona Carmelita deixa claro quando se trata de festejos das visitas entre os clubes: "Agora tinha dia que a gente do bloco ia lá na porta dançar no Colar lá. Vinha no Nossa É Outro, dança, eles vinha cá dançava. Mas a noite inteira eles não deixava agente entra lá não." Assim apesar de toda rivalidade este momento era de interação onde os negros deixavam seus costumes se interar com os brancos, os pobres com os ricos. Momento muito propício para uma circularidade cultural.

É muito comum encontrarmos referências lisonjeiras às negras do *Colar de Pérolas* em relação às suas vozes, não só nos jornais. O cantar das negras é também exaltado por Maria Pinto com suas lembranças: "na hora de cantar na praça, para sobressair mesmo, ninguém cantava igual as Violetas do Colar. Oh criolada de goela danada, quando elas cantavam de longe você escutava. Elas eram danadas tinham uma voz maravilhosa, eram muito bonitas".

<sup>26</sup> Depoimento de Lauro Rooke

<sup>27</sup> Depoimento de João Pinheiro

Assim como *O Colar de Pérolas* tinha seu bloco composto por mulheres, os outros clubes também possuíam. Os *Renitentes* tinha “As pluminhas”, denominado desta forma por ter sido neste bloco a primeira aparição das plumas no carnaval de Rio Novo<sup>29</sup>, pois devido o alto custo só um clube da elite poderiam adquiri-las. Já *Os Explosivos* possuía um bloco de moças chamado, “As Turmalinas”, que era formado apenas por mulheres solteiras. Tinham seu próprio bloco, mas participava de outros festejos carnavalescos como do “Zé Pereira”, que por um longo tempo esteve ligado aos Explosivos.<sup>30</sup>

Quando nós tratamos desta característica das Turmalinas, --- um bloco composto apenas por mulheres solteiras --- temos que levar em conta a mentalidade machista que impregnava todo o contexto. Muitas das Turmalinas tinha que encerrar sua participação no bloco, não por escolha própria, mas pela não aceitação social de que uma mulher casada brincasse neste grupo, daí também surge a própria condição imposta pelo marido.

Numa visão ligada à micro-história, vemos que as possibilidades eram muitas. Não havendo uma regra a ser seguida por todas. No caso de Dona Carmelita, ela deixa claro que teve de terminar um noivado para festejar mais um ano de carnaval: “Aí eu ia casar em maio quando foi fevereiro eu falei: eu casar? Eu vou é brincar o carnaval, caí na farra dancei as quatro noites. Ele ficou muito bravo, foi lá na mamãe reclamou, quando foi quarta-feira de cinzas ele foi lá com a aliança, entregou a aliança. Aí em maio eu casei.”

Esta colocação deixa patente que não era uma ação natural, a subversão às estruturas de ordens da moral social. Mas seja pelo momento propício que o carnaval dá, quando deixa uma liberdade maior da cultura oficial<sup>31</sup>; ou por ter em si vastas posições individuais de interpretação das “regras sociais”, haviam fugas desse caminho trilhado pelo pensamento moralista da época. Apesar das tendências a serem seguidas as várias possibilidades estão presentes para relacionar com a realidade vivida, não existindo assim apenas uma direção --- da moral da sociedade --- a se enveredar.

### **Os Blocos nas ruas**

Não parando na análise de interação social nos clubes, focaremos também os festejos de rua. Estes muitas vezes ligados aos clubes, mas com características singulares.

Dentre estas manifestações nos limitaremos ao centenário Bloco do Zé Pereira e aos

---

<sup>28</sup> Depoimento de Dona Carmelita

<sup>29</sup> Informação depoimento de Maria Pinto.

<sup>30</sup> Ibidem(Ibid.)

<sup>19</sup> Mikhail Bakhtin. Op. cit.

blocos de sujos, que infestavam as ruas nas tardes de carnaval. Estes possuíam características organizativas próprias, distintas dos critérios preconceituosos de seleção dos clubes carnavalescos. Era patente, dentro dessas manifestações culturais, a interação e circularidade dos valores culturais entre as diversas camadas sociais.<sup>32</sup>

Tratando dos “blocos de sujos”, com base nas experiências dos depoimentos coletados, sua composição e organização tinham base familiar. Estes blocos tinham presença comprovada durante todas as tardes de carnaval em Rio Novo.

Todas as ruas tinham os seus blocos de sujos, onde homens se fantasiavam de mulher, mulher de homem, ou de qualquer outra vestimenta, mas o que era regra é estar fantasiado. Os mascarados com suas brincadeiras de “Você sabe quem eu sou”<sup>33</sup> estavam por toda à parte. “Naquela época não era tão normal se embendar como nos dias de hoje, assim por não se escondermos atrás da bebida usávamos máscaras, aí poderíamos fazer aquelas brincadeiras”<sup>34</sup>

Dona Carmelita conta em seu depoimento experiências que teve nestas brincadeiras, que era típica também do Bloco do Zé Pereira, pois nele todos se fantasiavam, assim como nos blocos de sujos:

“To brincando o Zé Pereira com amiga, vem um moço e põe a mão no meu ombro. Aí eu tirei a mão do ombro, já era casada, tava com três filhos. Tô brincando, ele todo de preto, máscara preta, De repente o homem colocava a mão no meu ombro, eu empurrava pra lá. Aí eu peguei assim nele e falei assim: olha se faz favor num fica botando a mão no meu ombro não, porque eu não brinco com homem não eu to brincando só com moça. Ele foi e falou assim : Você sabe quem sou eu? Fui criado com os filhos da Sr, é o Totõe Varotto. Filho da p.. do Totõe, porque ele não falou antes, foi preciso eu brigar.”<sup>35</sup>

Estes blocos de sujos tinham um aparelhamento de caráter local. Diversas famílias moradoras da mesma rua juntavam se para desfilarem pela cidade fantasiadas. Desta forma, um ambiente familiar que unificava estes blocos. Não era de grandes organização ou de

---

<sup>32</sup> Carlo Ginzburg .Op.cit.

<sup>33</sup> Este termo “Você sabe quem sou eu” não possui o significado de distinção hierárquica do “Você sabe com quem está falando”, proposto por Roberto Da Matta em “Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro.” Nem o mesmo significado de pergunta “Você me conhece” usado por Maria Clementina P. Cunha em Ecos da Folia. Tudo indica que era apenas uma brincadeira sadia entre os foliões não chegando à vinganças como a autora de Ecos da Folia demonstra em seu estudo sobre o carnaval carioca entre 1880 à 1920. Sendo este termo retirado do depoimento de Dona Carmelita.

<sup>34</sup> Depoimento de Lauro Rooke.

<sup>35</sup> Informação retirada do depoimento de Dona Carmelita.

imensas proporções, nem mesmo eram ligados aos clubes da cidade, eram na maioria das vezes formado por vizinho, amigos e familiares. Nestas manifestações culturais era normal a interação de diversas vertentes culturais e sociais diferentes, onde tornavam local propício à circularidade cultural entre as diversas camadas sociais que ali festejavam o carnaval rionovense.

Falando de Zé Pereira temos que remontar as suas origens no solo brasileiro. A expressão cultural tem seu nascimento em 1852, com um português, sapateiro de nome José Nogueira de Azevedo Paredes que em um carnaval equipou-se com um bumbo e saiu a desfilar nas ruas a zabumbar, os foliões perplexos com a invenção, ainda não idealizada por nenhum outro, juntaram-se a ele.<sup>36</sup>

Como muitas manifestações populares brasileiras, o Zé Pereira tem raízes portuguesas. Em parte de Portugal o termo “Zé Pereira” designa qualquer agrupamento que inclua tocadores de caixa e bumbo. Temos grandes suspeitas de que esta questão influenciou na denominação da expressão cultural já abrasileirada, mas para afirmarmos isto devemos uma maior investigação.<sup>37</sup>

Um Zé Pereira no século XIX poderia ser caracterizado por uma multidão em formato de cordão a zabumbar ritmando a multidão dançante, dando assim aos carnavalescos um festejo com espaço mais definido, pois era natural foliões avulsos a “entrudar” no carnaval.

Tratando do Zé Pereira de Rio Novo, encontramos várias peculiaridades. Como essa manifestação teve uma releitura na sua chegada ao Brasil, em Rio Novo não foi diferente. O Zé Pereira nasce na cidade com grande influência da manifestação carioca, até mesmo porque entre os introdutores dessa manifestação alguns tinham naturalidade fluminense. Também vemos características dos blocos dos carnavalescos do nordeste devido aos grandes bonecos, e várias singularidades como a própria letra cantada: Viva o Zé Pereira \ Atrás da bananeira\ Comeu muita banana \ E ficou de caganera; a organização de alas, o acompanhamento de uma banda de música, mais especificamente a nossa furiosa Euterpe Carlos Gomes; etc.

No surgimento da manifestação cultural em Rio Novo, no primeiro desfile, o Zé Pereira teria saído do antigo Bar Canto do Sabiá, de forma que, Germano Baltazar (pai do Senhor Juquita<sup>38</sup>) junto de amigos como Eurico Albuquerque, Francisco Serpa, Antônio Augusto Pável, e o jornalista Francisco Peixoto, desfilaram pelas ruas rionovenses com um carro de boi onde

<sup>36</sup> CUNHA, Maria Pereira Clementina da, **Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras 1999.

<sup>37</sup> Ver: Vieira Fazenda. **Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro**

um se fantasiou de diabo (fantasia esta sempre muito presente no carnaval carioca), batendo latas. Este desfile data-se em dezembro de 1906, antes mesmo da fundação de qualquer clube carnavalesco, sendo assim a manifestação carnavalesca mais antiga conhecida na história de Rio Novo.<sup>39</sup>

Essa idéia do desfile do Zé Pereira parece ter seduzido as pessoas de espírito carnavalesco, pois logo com o nascimento do primeiro clube carnavalesco, ---Os Explosivos--- de forma revista, a manifestação cultural foi introduzida em seus folguedos.

O clube dos Explosivos, formado pela classe média rionovense, desenvolve essa manifestação com características bem diferentes. Mais organizado e com caráter sempre de pré-carnavalesco. O Zé Pereira trazia assim a carnavalescação do ambiente, dando à cidade a sensação carnavalesca de inversão de valores, sensibilizando ao povo, com uma segunda vida onde o riso, as festividades são fundamentais, havendo uma libertação da realidade se desligando à estrutura hierárquica de nossa sociedade chegando a todas as pessoas, pois o carnaval não tem fronteiras.<sup>40</sup>

O Zé Pereira com essa característica pré-carnavalesca faz Dona Maria Pinto lembrar-se muito bem da função também exercida pela manifestação. Deixa claro que no Largo da Matriz, todas as pessoas que esperavam para apreciar o desfile do Zé Pereira. Após concretizado, todos desciam atrás até o clube dos Explosivos onde havia o baile Pré-carnavalesco. Nesta festa cantava-se e tocavam as marchinhas de sucesso nas rádios com o objetivo de que todos decorassem essas músicas para que no carnaval todos cantassem, já que em tempos atrás não havia televisão e nem todos obtinham o rádio.<sup>41</sup>

Dona Maria Pinto também relembra que a formação do Zé Pereira era bem diferente. Descreve com clareza a antiga composição da manifestação cultural. Com uma grande organização, na frente vinham cerca de 40 meninos dotados de lanternas, após vinha o Bloco das Turmalinas, depois os bonecos e mais atrás a banda de música. Ao meio dos bonecos vinham os foliões fantasiados<sup>42</sup>.

Tal arranjo do Bloco tinha muita ligação à sua interação neste período com o Clube dos Explosivos, que não só ajudavam na produção dos bonecos, mas também deu abrigo a eles

---

<sup>38</sup> Sr Juquita foi filho de um dos foliões que introduziram a manifestação nos Explosivos e na cidade. Dentro e fora dos Explosivos foi o organizador do bloco, posição que ficou até sua morte.

<sup>39</sup> A primeira referência dessa manifestação cultural na imprensa foi de uma seção denominada “Farpinhas”, (Jornal Rio Novo no dia 03 de fevereiro de 1907) que fazia protestos, comentários que se encontravam no contexto social momentâneo. Era da seguinte forma: “Já na rua o Zé Pereira\Faz algazarra infernal\Assim por esta maneira\ Se annuncia o carnaval\ Assim não haja desgosto;\ Que se não faça arrelia ;\ A polícia no seu posto\ Deixe passar a folia!”.

<sup>40</sup> Mikhail Bakhtin . Op. cit.

<sup>41</sup> Informação retirada do depoimento de Maria Pinto

<sup>42</sup> Ibidem(Ibid)

em seu porão durante muitos anos. Assim vemos o porque da presença assídua do Bloco das Turmalinas.

O Zé Pereira tinha um caráter mais democrático do que as festividades estritamente dos clubes, mas para participar tinha que ser na ordem prescrita:

“Ah o Zé Pereira não tinha escolha não, todo mundo brincava, o que quisesse brincar brincava. Mas aí brincava direito, não tinha nada, a polícia daqui olhava muito mais muito mesmo, os presidentes em cima, é presidente, secretária ajudava, o Sr Juquita não deixava não. Mas corria tudo bem, tudo bem mesmo.”<sup>43</sup>

Estes funcionários citados: tesoureiro, presidente; eram efetivos do Clube dos Explosivos. Eles tinham poderes na organização deste bloco, a ponto de limitarem a presença de certos indivíduos que trouxessem transtornos à ordem vigente da manifestação cultural. Todos os participantes deviam obedecer à disciplina, muitas vezes tendo que pedir a licença ao presidente dos Explosivos para participar do bloco. As “pessoas poderiam entrar desde que obedecessem aquela ordem, aquela disciplina, mas chegar lá entrando, não entrava mesmo.”<sup>44</sup>

Uma das peculiaridades deste bloco era a crítica social feita nos desfiles. O presidente e diversos componentes dos Explosivos tinham sempre em mente casos ocorridos durante o ano dentro da cidade. Dentre os fatos havia assuntos sobre política, vida pessoal etc. E no Zé Pereira tais acontecimentos eram ironizados pelos foliões. Em forma de fantasias as mensagens eram mandadas. Um caso sobre uma família tradicional de Rio Novo ironizada no Zé Pereira, foi muito bem lembrado por Dona Maria Pinto, que o descreveu minuciosamente:

“houve um carnaval que teve uma briga muito feia, saiu tapa, pescoção, então eles falaram que iam embora de Rio Novo, iam morar em Lambari, e aqui sabe como e que é o boato. Mas foram nada, só conversa fiada, então no ano seguinte o Sr Wilson --- naquela ocasião todo mundo só viajava de trem--- saiu com o Zé Pereira assim: era um trem de ferro, aquele trem enorme e as Turmalinas lá dentro nas janelas, todo mundo fantasiado e o maquinista do trem. As casas ali na praça todas hermeticamente fechadas, ninguém abria janela, porque já vem o Zé Pereira fazendo a crítica e agente cantava assim:

Eu vou para Lambari

---

<sup>43</sup> Depoimento de Dona Carmelita

<sup>44</sup> Depoimento de Maria Pinto

Vou vender o meu legado  
Eu vou para Lambari, para Lambari;  
Para viver mais sossegado;  
\_\_\_\_\_ Ai vinha o coro:  
Não vá, não faça isso;  
Que eu hei de muito sentir  
Eu vou fazer um feitiço;  
Para fazer você não mentir

E lá ia nosso trem de ferro, foi muito divertido. Então, tudo que acontecia em Rio Novo era criticado no carnaval. “

Assim o Zé Pereira não era uma manifestação cultural qualquer, tinha em si uma característica de porta-voz das críticas que quebravam os padrões dos valores sociais e das que solidificavam esse alicerce de valores. Como aconteceu com um dos foliões que estava participando do bloco e ao meio das várias paródias em cima da própria música do bloco soltaram as seguintes frases: “Viva o (nome do indivíduo)\ Atrás da Bananeira\ Fumou muita maconha\ E ficou numa doideira”. Logicamente o ocorrido tem sua data mais recente, mas fica a dúvida se a paródia era uma crítica ou uma exaltação ao feito do folião.<sup>45</sup>

Finalizando nosso trabalho, temos que enfatizar que as trocas de experiências entre os foliões de segmentos sócio-culturais diferentes. estavam sempre presentes. Os sambas, as marchinhas, e outros estilos musicais ligados à cultura afro-brasileira, sempre ritmaram a folia dos diversos clubes no carnaval. O Zé Pereira sempre teve caráter popular, mas mesmo assim os Explosivos introduziram tal manifestação em seus folguedos.

Estes fatos mostram a apropriação da cultura negra e popular pelas agremiações estritamente brancas. O mesmo acontece com os negros e populares, que absorvem valores da elite. Seja na própria formação de seus clubes, influenciada pelos Explosivos, até mesmo nos desfiles e organizações das festividades.

Os vários segmentos da sociedade entram em contato trazendo as trocas de valores, onde o popular transmite e recebe cultura da elite. É este emaranhado de contatos que vai formar o movimento de circularidade cultural<sup>46</sup>. Desta forma, os populares são ativos nas

---

<sup>45</sup> Depoimento de João Pinheiro

<sup>46</sup> Carlo Ginzburg. Op. cit.

relações sociais e interagem com a cultura oficial, não tendo assim uma condição passiva diante os costumes da elite.